

LEVANTAMENTO FITOGEOGRÁFICO E CATALOÇÃO DAS ESPÉCIES NATIVAS DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO PARQUE ESTADUAL SERRA DE JARAGUÁ-GOÍÁS.

Mayara da Silva Tinoco (*), Agostinho Carneiro Campos, Gitair Moreira dos Santos, Roberto Malheiros.

* Acadêmica do Curso de Engenharia Ambiental, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. maytinoco09@gmail.com

RESUMO

A criação de Unidades de Conservação tem por objetivo preservar as espécies nativas da região em risco de extinção, mas na sua maioria não se tem o conhecimento fundamentado em estudos técnico-científicos dos elementos naturais que compõem o seu espaço geográfico, foram criadas através de lei federal, estadual e/ou municipal abandonadas ao longo do tempo. Dessa forma, se faz necessário realizar diagnóstico ambiental detalhado dos seus recursos naturais (solo, hidrografia, geomorfologia, vegetação, etc.) que possibilite estabelecer programas de manejo e de zoneamento ecológico no sentido de preservar as espécies nativas existentes de depredação, extinção e queimadas. Caso do Parque Estadual Serra de Jaraguá, situado no estado de Goiás, com extensão territorial de 2.828,7827 ha. Cujo objetivo foi o levantamento fitogeográfico e catalogação das espécies nativas do Cerrado. A metodologia consistiu em literatura específica e cartográfica sobre as UCs, seguida de visitas a campo utilizando-se o método do caminhamento que possibilitou conhecer o aspecto socioeconômico e ecológico da área de estudo, demarcação de três quadrículas (15m X 10m) na área interna do parque, onde foram coletados os dados referente a cobertura vegetal apresentada em forma de tabela e material cartográfico. E por fim, os resultados são apresentados em forma textual e nos mapas cartográficos que revelam a necessidade de se pensar mecanismos que possibilite a implantação de plano de uso e manejo.

PALAVRAS-CHAVE: Unidades de Conservação; Legislação Ambiental; Diagnóstico Ambiental; Parque Jaraguá.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as áreas do sistema biogeográfico do cerrado goiano vêm passando por transformações degradantes e substituída por diferentes usos e ocupação, onde suas paisagens se apresentam elevado índice de degradação, principalmente, pela à expansão da fronteira agrícola atrelada à chamada modernização da agricultura. Esse processo resultou e ainda resulta reflexo ao meio ambiente e, conseqüentemente, impactos ambientais.

Conforme a Lei estadual n. 12.247/02 que instituiu o Sistema Estadual de Unidades de Conservação no estado de Goiás - SEUC – cujo objetivo de estabelecer critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação estadual em todo território goiano e define unidade de conservação, sendo o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídas pelo Poder Público. Dividem-se em dois grupos: Proteção Integral e de Uso sustentável.

Nesse contexto o Parque Ecológico da Serra de Jaraguá (PESJ) se enquadra no grupo de Proteção Integral, sendo permitido somente o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos nesta lei. Foi criado pela Lei Estadual nº 13.247, de 13 de janeiro de 1998, situa-se na Mesorregião Centro Goiano, especificamente na microrregião de Anápolis, abrange os municípios de Jaraguá e São Francisco de Goiás, com extensão territorial de 2.828,7827ha. É uma unidade de proteção importante para a preservação dos diversos tipos fisionômicos paisagístico da região.

A Unidade de Conservação do Parque da Serra de Jaraguá foi criada há 16 anos, mas até o presente momento não foi implantada e tão pouco foi demarcado os seus limites. Por outro lado, têm-se carências de inúmeras informações sobre os aspectos físicos com destaque para os domínios fitogeográficos. Todavia, necessita-se do mapeamento desses aspectos que fundamentam de alguma forma propostas futuras de manejo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa obedeceu a etapas sucessivas conforme descritas:

I – Revisão bibliográfica: Consistiu no levantamento e revisão do material bibliográfico e cartográfico que abordam o assunto relativo às UCs. Dentre as diversas e diversificadas leituras, foram destacadas a Legislação Ambiental pertinente (Lei Federal 9.985/2000 – Sistema Nacional de Unidades de Conservação e a Lei Estadual 12.247/2002 –

Sistema Estadual de Unidades de Conservação) quanto à criação de UCs no estado de Goiás, com enfoque no PESJ, que possibilitou o embasamento teórico e metodológico para a pesquisa.

II – Elaboração do material cartográfico: Para a elaboração dos mapas temáticos da área de pesquisa foi realizada consultas e análise do material cartográfico existente em órgãos públicos federais, estaduais e municipais, como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE-; Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Recursos Hídricos, Infraestrutura, Cidades e Assuntos Metropolitanos – SECIMA (Antiga Semarh); Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM e outros. Utilização do Sistemas de Informações Geográficas – SIGs, Sistema de Posição Geográfica – GPS, programas como o Arc Gis, Excell, Word.

III – Trabalho de campo: Consistiu em quatro (04) visitas técnicas à área de pesquisa (PESJ) com objetivo principal o reconhecimento dos componentes dos aspectos socioeconômico e ecológico e, outro de interesse da pesquisa foi utilizado o método do Caminhamento (FILGUEIRAS, NOGUEIRA, GUALA, 1991) através de caminhos, trilhas e estradas (Figura 01). Quanto a coleta de dados locais foi utilizado o GPS como equipamento de apoio e, para registro documental, máquina fotográfica digital de boa resolução e trena de 100m para medição das quadriculas. Delimitação de três (03) áreas de 15mX10m para o levantamento fitogeográfico (Figura 02). Ressalta-se que para a homogeneidade da posição das referidas quadriculas tomou como base os sentidos: leste/oeste 15m e norte/sul 10 m e equidistantes entre si de 400 metros. Para as anotações in loco utilizou-se de diário de campo, onde foi transcritos os dados coletados.



Figura 01 – Aplicabilidade do método do caminhamento



Figura 02- Delimitação de quadricula e coleta de dados

IV – Análise / interpretação: Nessa etapa todos os dados coletados foram analisados e interpretados dos quais possibilitou a elaboração de tabelas constituídas de listas de espécies vegetais encontradas em cada quadricula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A criação de UCs no mundo vem se constituindo numa das principais estratégias de intervenção por parte do governo visando diminuir as perdas da biodiversidade devido ao processo acelerado decorrente das atividades antrópicas tendo consequência drástica ao meio ambiente (CAMPOS, 2004).

O primeiro parque nacional criado no mundo, o Yellowstone, ocorreu no ano de 1872, em território norte americano (EUA), o que motivou outros países a fazer o mesmo. Para tanto, diversos encontros, congressos foram realizados em todo mundo, onde começou a estabelecer conceitos e diretrizes sobre as áreas protegidas tais como a preservação da biodiversidade florística e faunística e banco de dados genéticos (BRITO, 2000).

No Brasil, em 1876, André Rebouças propôs criação dos Parques Nacionais Ilha do Bananal no rio Araguaia e do Salto de Sete Quedas no rio Paraná, que não ocorreu. Somente na década de 1937 foi criado o primeiro Parque Nacional Brasileiro, o Itatiaia, (CAMPOS, 2004). E, posteriormente, na atualidade, as demais UCs que estão sobre a jurisdição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC –, seguido das particularidades de cada estado e município, conforme respectiva Legislação Ambiental podem propor criação de UCs.

Entretanto, no estado de Goiás, o surgimento das UCs teve início em 1959, com a criação do Parque Nacional do Araguaia (Hoje estado do Tocantins) e, posterior a esse, em 1961, o das Emas e Chapada dos Veadeiros. Percebe-se que são parques federais. Todavia, o primeiro parque estadual foi criado em 1970, Parque Estadual da Serra de Caldas Novas (Lei 7.282, de 25/09/1970).

Foi nesse contexto, conforme descrito na Lei Estadual 13.247, de 13/01/1998, criou-se o Parque Ecológico da Serra de Jaraguá. Segundo o SEUC – Sistema Estadual de Unidades de Conservação -, Lei Estadual 12.247/2002, o referido parque pertence ao grupo de Proteção Integral, mas ainda não delimitado. Apresenta exuberantes fitofisionomias locais, nascentes e sítios arqueológicos, necessitando de estudos mais detalhados para a sua preservação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

São apresentados os resultados da pesquisa relativos aos tributos do meio físico do PESJ que permitiu a caracterização dos aspectos naturais e a situação em que se encontram com vista a sua identificação e avaliação do estado de impactos ambientais.

Sabe-se que o perímetro do referido parque encontra-se em fase de implantação pelo órgão ambiental responsável - SECIMA – que até o presente não foram concluídas e nem sequer saiu do papel. Entretanto, com base no Decreto nº. 7604, de 19 de abril de 2012 que delimita a área do parque e dá outras providências. Sendo que no Art. 1º são descritos os azimutes e distâncias que permitiram a equipe de trabalho a elaborar tabelas com os respectivos dados e elaborar mapas de localização geográfica com extensão territorial de 2.828.8727 ha. (Figura 03). Mapa de hidrografia por onde fluem diversos cursos d'água perene, tais como o Rio Pari (Figura 04).

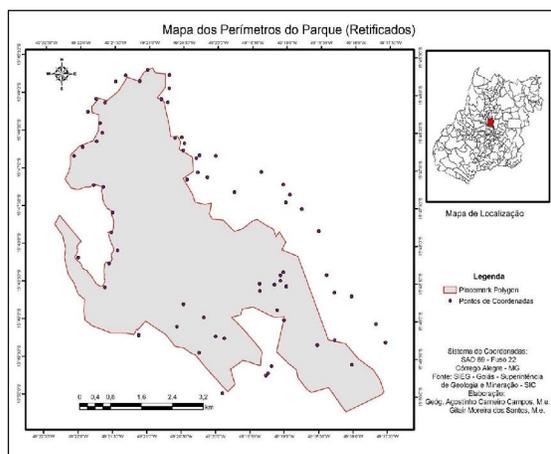


Figura 03 – Delimitação do PESJ – GO.

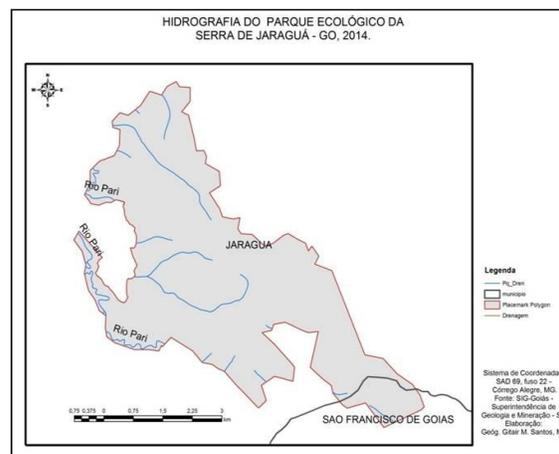


Figura 04 – Hidrografia do PESJ – GO.

A área apresenta dois tipos de solos, sendo os Cambissolos (EMBRAPA, 1999) com maior extensão territorial no parque aproximadamente de 95% e que ocupam a área do Cerrado, e possuem principais características de que são pouco profundos e, cascalhentos, esse tipo de solo ocorre na parte mais alta e nas encostas, que são vulneráveis aos processos erosivos, que foram identificados na via de acesso, até o topo, do tipo erosão lineares no estagio de ravina. Outras características, solos "jovens" que possuem minerais primários e altos teores de silte até mesmo nos horizontes superficiais, afloramentos de arenito (Figuras 05 e 06).

Portanto, na parte do extremo oeste do parque em menor representatividade territorial situam-se os Latossolos Vermelhos distróficos (5%) que apresentam cores avermelhadas, bastantes acentuadas, por causa dos teores altos e à natureza dos óxidos de ferro presentes no material originário em ambientes bem drenados, e características de cor, textura e estrutura uniformes em profundidade.

Nas áreas de cerrado 90% dos solos são distróficos com fertilidade extremamente baixa devido aos milhões de anos de lixiviação sob regime de chuvas abundantes, alta evaporação no período da seca, alta toxidez por alumínio e elevada acidez que levam ao acumulo de oxido de ferro e alumínio (DIAS, 1996).

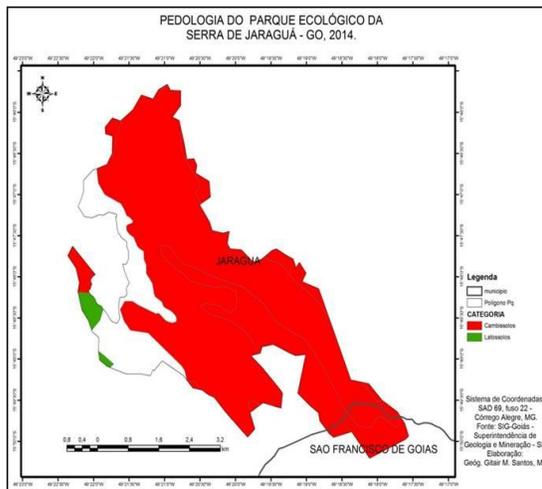


Figura. 05 – Solo do PESJ – GO.



Figura. 06 - Afloramento de Arenito.

A vegetação apresenta formações fechadas formando ambiente sombreado, componente do Sistema Biogeográfico do Cerrado Goiano constituído por espécies vegetais do subsistema de Mata Estacional Semidecidual, que se caracteriza pela estacionalidade das folhagens de suas árvores mais altas. A parte mais importante é o solo, o qual se comporta alteração térmica e hídrica interna (microclima) essenciais e vivendo sob condições estáveis de equilíbrio dentro da mata (CAMPOS, 2004). Constitui-se uma área de biodiversidade peculiar (sítio arqueológico) e rica em espécies florísticas e faunísticas.

O mapa referente à cobertura vegetal e uso do solo do Parque Estadual Serra de Jaraguá-GO (Figura 07) mostra que o Cerrado Rupestre possui maior representatividade territorial da cobertura vegetal, em seguida o Cerrado Denso e Cerradão com menores representações, do quais os mesmos são características específicas da Mata Estacional Semidecidual. Quanto ao uso do solo, observa-se a presença de áreas remanescente de agricultura e pastagem, seguida de solo exposto no interior do parque.

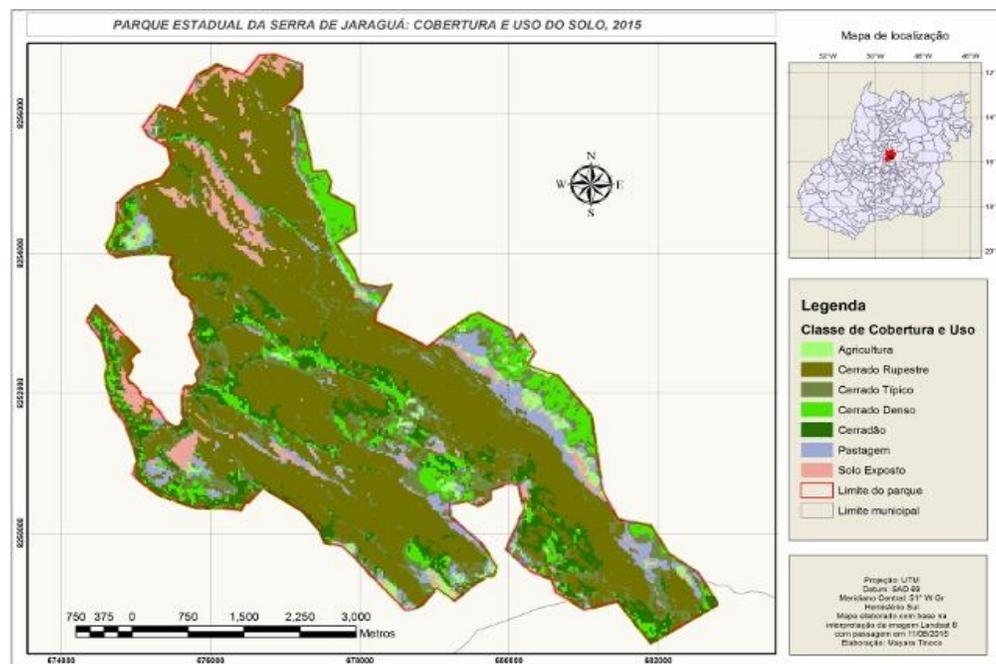


Figura 07 – Mapa de vegetação e de uso de solo do Parque Estadual Serra de Jaraguá, GO.

Segundo Barbosa (1996), a diversificação em variados ambientes é que caracteriza o Sistema dos Cerrados. O caráter fundamental da biodiversidade e de interdependência dos diferentes subsistemas não permite que seja entendido como uma unidade homogeneia, pois há uma série de ambientes diversificados na sua composição vegetal e animal, os quais constituem os subsistemas que por sua vez são interatuantes. Compreender esses subsistemas é muito importante para entender o sistema como todo e ainda o caráter da biodiversidade.

Quanto ao levantamento fitogeográfico realizado nas três quadriculas (15 m x 10 m). Sendo que a quadricula 01 situa-se a 15°46'47'' Sul e 49° 20'42'' Oeste, com altitude de 901,9m na qual foram identificadas 19 famílias e 29 espécies vegetais, onde a família Fabaceae apresenta maior representatividade territorial (20,69%) em relação às demais famílias. Sendo essa representada pelas espécies (*Bauhinia forficata* Link, *Hymenaea courbaril*, *Bowdichia virgilioides*, *Pterodon emarginatus*, *Stryphnodendron adstringens*) Seguida da família Rubiaceae (10,34%) constituída pelas espécies vegetais (*Sapium glandulosum* (L.) Morong, *Ocroyena sellowiana*, *Qualea grandiflora* (LORENZI, 2014). E as outras apresentam percentuais entre 3,45% a 6,90% (Tabela 01).

Tabela 01 - Lista das espécies vegetais identificadas na Quadricula 1 PESJ - GO. 2015

Fonte: Lorenzi, 2014 adaptador por: Tinoco *et al.*, 2015

| Famílias | Quant. | Nome Popular | Nome Científico | % espécies |
|----------------------------|-----------|--------------------------|--|---------------|
| Apocynaceae | 2 | Mangaba | <i>Hancornia speciosa</i> | 6,90 |
| | | Guatambu do cerrado | <i>Aspidosperma parviflorum</i> | |
| Anacardiaceae, | 1 | Caju do campo | <i>Anacardium occidentale</i> , | 3,45 |
| Arecáceas | 1 | Palmeira catulé | <i>sp</i> | 3,45 |
| Asteraceae | 1 | Assapeixe rasteira | <i>Vernonia polysphaera</i> | 3,45 |
| Bignoniaceas | 2 | Ipê amarelo do campo | <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl. | 6,90 |
| | | Caraíba | <i>Tabebuia caraiba</i> | |
| Caryocaraceae | 1 | Pequi | <i>Caryocar brasiliense</i> | 3,45 |
| Clethraceae | 1 | Carne de vaca | <i>Clethra scabra</i> Pers. | 3,45 |
| Dilleniaceae | 1 | Lixerinha | <i>Curatella americana</i> | 3,45 |
| Fabaceae | 6 | Pata de veado | <i>Bauhinia forficata</i> Link | 20,69 |
| | | Jatobá do campo | <i>Hymenaea courbaril</i> . | |
| | | Sucupira preta | <i>Bowdichia virgilioides</i> | |
| | | Babatimão | <i>Stryphnodendron adstringens</i> | |
| | | Fávero | <i>Pterodon emarginatus</i> | |
| | | Sucupira Branca | <i>Pterodon emarginatus</i> | |
| Gutíferas. | 1 | Pau santo | <i>Kielmeyera coriacea</i> . | 3,45 |
| Lauráceas: | 1 | Vinhático | <i>Persea indica</i> | 3,45 |
| Leguminosae Papilionoideae | 1 | Jacarandá do cerrado | <i>Machaerium opacum</i> | 3,45 |
| Lythraceae | 1 | Pacari | <i>Lafoensia pacari</i> | 3,45 |
| Malpighiaceae | 1 | Murici roxo | <i>Byrsonima serice</i> | 3,45 |
| Malvaceae (geraniacea) | 1 | Malva rasteira | <i>Malva sylvestris</i> | 3,45 |
| Myrtaceae | 2 | Pitanga roxa | <i>Eugenia unifloa</i> | 6,90 |
| | | Cagaita | <i>Eugenia dysenterica</i> | |
| Poaceae | 1 | Capim Jaraguá | <i>Hyparrhenia rufa</i> | 3,45 |
| Rubiaceae | 3 | Pau d'leite | <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong | 10,34 |
| | | Genipapo bravo | <i>Ocroyena sellowiana</i> | |
| | | Pau terra da folha larga | <i>Qualea grandiflora</i> | |
| Vochysiaceae | 1 | Pau terra folha miúda | <i>Qualea parviflora</i>) | 3,45 |
| 19 | 29 | | | 29 |
| | | | | 100,00 |

Enquanto que a quadricula 02 situa-se a 16°46'51'' Sul e 49°20'38'' Oeste, com altitude de 892,9 m, onde foram identificadas 17 famílias botânicas e 29 espécies vegetais, em geral, observou-se que as espécies apresentam homogeneidade entre as duas quadriculas (01 e 02), com destaque para cinco (05) espécies vegetais que correspondem a 17,25% da totalidade da quadricula 02, que não foram encontradas na quadricula 01, são elas: *Croton Perdicipes* Saint-Hilaire, *Tibouchina granulosa* Cogn, *Oxalis Acetosela*, *Hyparrhenia rufa* (Ness) Stapf. e a *Uncaria tomentosa* (Willd. ex Roem), enquanto que as demais espécies representam 82,75% (Tabela 02).

Portanto, o inverso (quadricula 01 para 02) totaliza 27,60% das espécies vegetais não encontradas, são elas: *SP. Vernonia polysphaera*, *Caryocar brasiliense*, *Curatella americana*, *Dimorphandra Mollis*, Benth., *Pterodon emarginatus*, *Malva sylvestris* e a *Eugenia dysenterica* (LORENZI, 2014).

Quanto as famílias a maior representatividade territorial ficou com as Fabaceae (15,38) representada pela as espécies *Bauhinia forficata* Link, *Hymenaea courbaril*.L. var, *Bowdichia virgilioides* Kunth, seguida da Rubiaceae 11,54% e as demais em torno de 3,85% a 6,70%.

Tabela 02 - Lista das espécies vegetais identificadas na Quadricula 2 PESJ - GO. 2015

Fonte: Lorenzi, 2014 adaptador por: Tinoco et al., 2015

| Famílias | Quant. | Nome Popular | Nome Científico | % espécies |
|---------------------|-----------|---|---|---------------|
| Apocynaceae | 2 | Guatambu do cerrado Mangaba | <i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart. <i>Hancornia speciosa</i> Gomez | 7,69 |
| Anacardiaceae, | 1 | Caju do campo | <i>Anacardium occidentale</i> L. | 3,85 |
| Bignoniaceas | 2 | Ipê amarelo do campo Caraíba | <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl. <i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur | 7,69 |
| Clethraceae | 1 | Carne de vaca | <i>Clethra scabra</i> Pers. | 3,85 |
| Euphorbiaceae | 1 | Pé de perdiz | <i>Croton Perdicipes</i> Saint-Hilaire | 3,85 |
| Fabaceae | 4 | Pata de veado Jatobá do campo Sucupira preta Babatimão | <i>Bauhinia forficata</i> Link <i>Hymenaea courbaril</i> .L. var <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville | 15,38 |
| Gutíferas. | 1 | Pau santo | <i>Kielmeyera variabilis</i> Mart | 3,85 |
| Lauráceas: | 1 | Vinhático | <i>Persea indica</i> | 3,85 |
| Leguminosae | | | | |
| Papilionoideae | 1 | Jacarandá do cerrado | <i>Machaerium opacum</i> | 3,85 |
| Lythraceae | 1 | Pacari | <i>Lafoensia pacari</i> | 3,85 |
| Malpighiaceae | 1 | Murici roxo Quaresmeira do cerrado | <i>Byrsonima serice</i> DC | 3,85 |
| Melastomaceae | 1 | (roxa) | <i>Tibouchina granulosa</i> Cogn | 3,85 |
| Myrtaceae | 1 | Pitanga roxa | <i>Eugenia unifloa</i> L | 3,85 |
| Oxalidáceas | 1 | “Azedinha” | <i>Oxalis Acetosela</i> . | 3,85 |
| Poaceae (gramíneas) | 1 | Capim Jaraguá | <i>Hyparrhenia rufa</i> (Ness) Stapf. | |
| Rubiaceae | 3 | Pau d' leite Genipapo bravo Unha de gato & Schult.) DC | <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong <i>Ocroyena sellowiana</i> <i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. | 11,54 |
| Vochysiaceae | 2 | Pau terra da folha larga Pau terra folha miúda | <i>Qualea grandiflora</i> Mart. <i>Qualea parviflora</i> Mart. | 7,69 |
| 17 | 25 | | 26 | 100,00 |

A quadricula 03 situa-se a 15°47'28'' Sul e 49°20'27'' Oeste, com altitude de 978,5 m. Nessa quadricula foram identificadas 31 espécies (Tabela 03), com destaque para quatro (04) espécies que não foram encontradas nas

quadriculas 01 e 02, correspondendo a 14,28% da sua totalidade. São elas: *Dillenia indica*, *Melinis minutiflora* Pal. de Beauv., *Pouteria ramiflora* (Mart.) Radlk. e a *Vochysia tucanorum* Mart. (LORENZI, 2014).

Demonstra que a ocorrência representativa das espécies vegetais entre as quadrículas (01:27,60% ; 02: 17,25% e 03: 14,28%) é homogênea devido os índices percentuais encontrados serem considerados baixos em relação ao quantitativo de espécies vegetais encontradas em cada quadrícula, com destaque a quadrícula 01 com índice considerável.

Tabela 03 - Lista das espécies vegetais identificadas na Quadrícula 3 PESJ - GO. 2015

Fonte: Lorenzi, 2014

adaptador por: Tinoco *et al.*, 2015

| Famílias | Quant. | Nome Popular | Nome Científico | % espécies |
|---------------------|-----------|---|--|---------------|
| Apocynaceae | 2 | Guatambu do cerrado Mangaba | <i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart. <i>Hancornia speciosa</i> Gomez | 7,14 |
| Anacardiaceae, | 1 | Caju do campo | <i>Anacardium occidentale</i> L. | 3,57 |
| Bignoniaceas | 2 | Ipê amarelo do campo Caraíba | <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl. <i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur | 7,14 |
| Caryocaraceae | 1 | Pequi | <i>Caryocar brasiliense</i> | 3,57 |
| Clethraceae | 1 | Carne de vaca | <i>Clethra scabra</i> Pers. | 3,57 |
| Dilleniaceae | 2 | Lixerinha Planta moeda | <i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil. <i>Dillenia indica</i> | 7,14 |
| Euphorbiaceae | 1 | Pê de perdiz | <i>Croton Perdicipes</i> Saint-Hilaire | 3,57 |
| Fabaceae | 4 | Faveira Jatobá do campo Sucupira preta Babatimão | <i>Dimorphandra Mollis</i> , Benth <i>Hymenaea courbaril</i> .L. var <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) | 14,30 |
| Gutíferas. | 1 | Pau santo | <i>Kielmeyera variabilis</i> Mart | 3,57 |
| Leguminosae | 1 | Jacarandá do cerrado | <i>Machaerium opacum</i> | 3,57 |
| Papilionoideae | | | | |
| Malpighiaceae | 1 | Murici roxo | <i>Byrsonima serice</i> DC | 3,57 |
| Melastomaceae | 1 | Quaresmeira do cerrado | <i>Tibouchina granulosa</i> Cogn | 3,57 |
| Myrtaceae | 2 | Pitanga roxa Cagaita | <i>Eugenia uniflora</i> L <i>Eugenia dysenterica</i> | 7,14 |
| Poaceae (gramíneas) | 2 | Capim Jaraguá Capim meloso | <i>Hyparrhenia rufa</i> (Ness) Stapf. <i>Melinis minutiflora</i> Pal. de Beauv. | 7,14 |
| Rubiaceae | 2 | Pau d' leite Genipapo bravo | <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong <i>Ocroyena sellowiana</i> | 7,14 |
| Sapotaceae | 1 | Grão de galo do cerrado | <i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk. | 3,57 |
| Vochysiaceae | 3 | Pau terra da folha larga Pau terra folha miuda Pau doce | <i>Qualea grandiflora</i> Mart. <i>Qualea parviflora</i> Mart. <i>Vochysia tucanorum</i> Mart. | 10,72 |
| 17 | 28 | | 28 | 100,00 |

As espécies vegetais identificadas se enquadram na composição florísticas do Cerrado Goiano, caracterizam o subsistema de cerradão que é sustentado por solos do tipo Cambissolo distrófico (EMBRAPA, 1999), associados à presença de afloramento de rochas areníticas friáveis distribuídas de forma pontual nas áreas do parque (figura 08): A) *Strychnos pseudoquina* St.Hil.; B) *Qualea parviflora* Mart e C) *Melinis minutiflora* P. Beauv



Figura 08 – Espécies vegetais encontradas na área interna do Parque de Jaraguá – GOIÁS. 2015.

CONCLUSÃO

Percebeu-se que a metodologia utilizada permitiu a elaboração de mapas da delimitação tendo como base os pontos dos azimutes e também os temáticos da área de estudo. Além desse, foi constatado em campo, por meio das quadriculas (1,2 e 3) que o referido parque apresenta rica composição florística do Sistema Biogeográfico do Cerrado, destacando três subsistemas (cerrado rupreste, cerrado denso e cerradão) que integra parte do antigo Mato Grosso Goiano. Por apresentar manchas de solo de boa fertilidade natural, foi palco de intensa ocupação indígena, e nessa área foi encontrados vestígios de sítios arqueológicos de antigas aldeias de grupos horticultores ceramistas que habitaram a região (NASCIMENTO, 1998).

Ressalta-se que a família botânica Fabaceae é uma das maiores conhecida como Leguminosae e apresenta ampla distribuição geográfica. Subdivide em três (03) subfamílias distintas, sendo ela: Faboideae (ou Papilionoideae), Caesalpinioideae e Mimosoideae. Seus frutos são do tipo legume (conhecido como vagem) característica exclusiva desse grupo. Conforme apresentada nas tabelas (1,2 e 3) ocorreu predominância dessa família nas áreas onde foi realizada o levantamento, com índices aproximado de 21%.

O potencial florístico e biodiverso observado na área são suficientes para justificar a implantação da unidade de conservação o mais rapidamente possível, acompanhada de um plano de gestão ambiental, para orientar o uso sustentável do PESJ – GO e garantir sua preservação para geração presente e futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Barbosa, Altair Sales. Sistema biogeográfico do cerrado: alguns elementos para sua caracterização. Goiânia: EDUUCG, contribuição 3, 199. P.13-33
2. Campos, Agostinho Carneiro. Degradação ambiental em unidades de conservação: o caso do parque ecológico Altamiro de Moura Pacheco e seu entorno. 2004. 104p. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2004.
3. Centro Nacional de Pesquisa de Solos (EMBRAPA). Sistema brasileiro de classificação de solos. Brasília-EMBRAPA. 1999, 412 p.
4. Dias, Bráulio Ferreira de Souza. Cerrado: uma caracterização. In: DIAS, B. F. S. (Coord) Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis. Brasília: FUNATURA/IBAMA, 1996. p.11-26
5. Filgueiras, Tarciso de Sousa.; Nogueira, P. E.; Guala, G. Caminhamento – um método expedito para levantamento florísticos qualitativos. Cadernos de Geociências, IBGE. 1991.
6. Lorenzi, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 6 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2014, v.1.
7. Nascimento, Maria Amélia Leite Soares do. Bacia do Rio Jão Leite: influência das condições ambientais naturais e antrópicas na perda de terra por erosão laminar. 1998. 17p. Tese (Doutorado em organização do espaço) – Rio Claro – IGCE – UNESP . 1998.
8. Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado de Goiás (SEUC) . Lei 2.247, de 29 de julho de 2002. Goiânia, 2002.14p.